

ALEXANDER VON HUMBOLDT E A REPRESENTAÇÃO CIENTÍFICA

Marízia Menezes Dias Pereira

Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento. Escola de Ciências e Tecnologia
– Universidade de Évora, Rua Romão Ramalho, 59, 7000-849 Évora, Portugal
mariziacmdp3@gmail.com

RESUMO

As missões exploradoras europeias retrataram o “Novo Mundo” através de técnicas inovadoras e realistas, dando início à reprodução da paisagem com romantismo e naturalismo.

Alexander von Humboldt é considerado como o último cientista universal. Nas expedições era assistido por artistas que reproduziam de forma “fiel” os locais que estavam a ser estudados adotando um modelo de pintura de paisagem que efetivasse uma síntese entre duas grandes tendências do género herdadas do século XVII, a pintura de paisagem ideal e a de vista, originária do norte da Europa.

Nasceu em 1769 na Alemanha, no seio de uma família aristocrática. O pai era um general prussiano e a mãe, herdeira de uma importante fortuna, destacou-se na época pelos costumes extraordinariamente avançados. Os dois filhos do casal, Alexander e Wilhelm, foram educados em ambientes de estudo e discussão intelectual sob a responsabilidade de vários professores importantes de Berlim. Durante a passagem pelas universidades alemãs, Alexander von Humboldt dedicou-se ao estudo da história natural e da botânica, estimulado pelo mentor e botânico Carl Ludwig Willdenow.

Após várias tentativas frustradas de integrarem viagens científicas, Humboldt e Bonpland, iniciam a preparação de uma viagem para explorar a América Central e do Sul. Percorreram a pé a costa do Mediterrâneo, desde Marselha até Barcelona, Valência e Alicante. Quando chegam a Madrid já tinham elaborado o primeiro esquema do relevo da Península Ibérica, com as altitudes que foram medindo durante o itinerário. Também subiram até ao pico do *Teide* (ilha de Tenerife – Espanha) para estudar o vulcanismo e a fitogeografia, elaborando posteriormente, com base no clima e na altitude, um esquema com cinco andares de vegetação desde o litoral até ao cume.

Após diversas diligências, conseguem a autorização do rei Carlos IV para visitarem os territórios espanhóis das Américas. Desembarcam na Venezuela, viajam pelo rios Amazonas, Orinoco, Atabapo e Negro, à procura de um rio que unisse as bacias do Amazonas e do Orinoco e percorrem vários países, onde fazem análises

geológicas das costas do Pacífico. No Peru, vão até ao vulcão Chimborazo (6 267 m) que, no início do século XIX, era considerado a mais alta montanha da Terra a partir do nível do mar, com diversas tentativas de escalada. Em 1802, abandonam a subida a 5 875 m devido à rarefação do ar.

As ilustrações dos seus livros expõem alguns métodos de representação, com anotações científicas inseridas em paisagens. O Chimborazo foi desenhado com especial interesse, onde combinou os elementos botânicos e geológicos. As suas descobertas foram documentadas meticulosamente em cadernos de campo, com anotações dos dados das medições e descrição da vida quotidiana. Reuniu mais de 3 450 páginas de ensaios científicos, escritos em francês e alemão e decorados com desenhos a mão livre e artefactos colados. Depois de percorrerem cerca de 65 000 km e recolherem aproximadamente 60 000 espécies de plantas, regressam à Europa com o material que Humboldt estudaria pelo resto da vida.

Foi especialista em diversas áreas – etnografia, antropologia, física, geografia, geologia, mineralogia, botânica, vulcanologia, climatologia, oceanografia e humanismo – com uma visão geral e imparcial. Os seus estudos foram fundamentais para o desenvolvimento da fitogeografia, zoologia e ciências humanas, além dos estudos arqueológicos, históricos e etnográficos sobre o continente americano.

Faleceu em Berlim em 1859, com 90 anos de idade.

Palavras-chave: cientista, botânica, fitogeografia, paisagem.